

Conhecimento e Pobreza

Reconheço que nada se conhece efetivamente, o que se julga conhecer terá de ser indubitável. Afinal, como se adquire conhecimento? Suponhamos, então, duas esferas distintas: o indivíduo (que pretende e está disposto a conhecer) e um objeto. O indivíduo entra na esfera do objeto e apreende as características do mesmo, regressando posteriormente à sua esfera. Será que o indivíduo obteve um conhecimento do que é, efetivamente, o objeto? Na minha perspectiva não.

Tomo por guia Descartes e a sua obra *Discurso do Método*. Para se atingir conhecimento é necessário duvidar. Daí este método: Dúvida metódica. Começamos por analisar a forma mais comum de adquirir conhecimento: os sentidos. Quando se conduz, por exemplo, a audição e a visão são essenciais, mas nem sempre eficazes, porquê? Ora, o condutor alegou que à sua direita não se encontrava nenhum automóvel e avançou. No entanto, segundos depois, acidentou-se com um automóvel que vinha dessa direção. Como é possível? Encontramos aqui uma condição pela qual nos podemos guiar, segundo Descartes: o que me engana uma vez pode enganar-me sempre. Por outro lado, temos as célebres questões matemáticas que, pensando que estamos a resolver uma condição de forma correta, acabamos por errar. Para isto Descartes desenvolveu a figura de um *Deus Enganador* que nos induz em erro, até mesmo nas questões matemáticas. Ora, porque haveria um *Deus* de se dar ao trabalho de nos enganar caso não existíssemos? Tal leva-me a crer que se estamos aqui perante estas questões é porque, de facto, existimos. É essa a minha certeza indubitável: '*Penso, logo existo*', tal como Descartes afirmou.

A existência de um ser implica uma vida. Nós, seres humanos, inseridos numa sociedade acreditamos solenemente que questões sociais tais como a pobreza são, efetivamente, reais. Estaremos nós longe do que vivemos e somos na realidade? A meu ver, existimos como substância pensante e, mesmo que a nossa vida nada mais seja do que uma equiparação ao célebre filme *Matrix*, nós vemos e convivemos com o que se encontra à nossa volta.

O ser humano calcula que sabe aquilo que o outro passa, mas saberá efetivamente? A questão da eutanásia, penalizada em Portugal, é um tabu para muita gente. Diversas pessoas tomam essa prática como algo horrível que se equipara a um suicídio, mas será de facto tão descabido assim? Talvez se essa pessoa passasse por aquilo que o outro passa a sua opinião mudaria drasticamente.

Aqui encontro algo que tomo por certo: ninguém é capaz de julgar eficazmente a situação de outra pessoa sem ter vivido exatamente o mesmo que ela. A reflexão sobre a pobreza toma aqui lugar: será que o mundo em que vivemos é efetivamente justo ao definir as leis que regularão tanto o cidadão doutorado como aquele que não foi além do ensino básico? A meu ver, só seria possível declarar o que quer que fosse se tivéssemos passado pelo mesmo.

Procedamos, então, a uma experiência social cujo foco central será a questão da pobreza. A única forma de decidir imparcialmente os direitos e deveres de um estado seria o *Véu da Ignorância*

desenvolvido e pensado por John Rawls. Colocar os indivíduos de tal forma numa condição natural que não saibam, nem mesmo, a sua condição social. Quem é o pobre e quem é o rico? Através desta experiência é possível que os indivíduos escolham de forma totalmente imparcial quais serão as regras pelas quais regerão a sociedade, de modo que nenhum indivíduo, nem mesmo o que se encontra em situação de extrema pobreza, seja marginalizado pela sociedade.

A relação que estabeleço entre conhecimento e pobreza é relativamente ténue. Todos existimos de facto e talvez seja essa a nossa única certeza. Como a existência de uma sociedade, ainda que ilusória, advém o problema social da pobreza. Concluo que a pobreza advém do conhecimento. Como pude constatar, o facto das pessoas conhecerem o papel que assumem na sociedade torna-as incapazes de conhecer efetivamente a sociedade. Ora, se é impossível um indivíduo conhecer por completo ou desconhecer por completo (equiparado à experiência do Véu da Ignorância) então é impossível travar a pobreza. A pobreza nada mais é do que a falta de conhecimento daqueles que, com o poder de legislar e de reverter esta situação, não o conseguem fazer. Mas por que não? Ora, na minha perspetiva o facto de não ser possível o conhecimento das situações efetivamente, torna os magistrados e qualquer indivíduo incapaz de tomar decisões acerca da realidade de pobreza de outrem.

Concluo então que a falta ou ilusão de conhecimento torna impossível a resolução de problemas sociais como a pobreza, a nossa única certeza é a nossa existência e não o poder de conduzir a existência do outro.

Joana Marques